

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/99- ANO III - Nº 32

EDITORIAL

Reuniram-se, em Assembléia Paroquial e Diocesana, os católicos para discutir as questões propostas pelo Papa João Paulo II para o 3º Milênio e veiculadas pela C.N.B.B., no caminho da evangelização.

Na oportunidade dessas reuniões, no decorrer do ano de 1996, foram colocadas questões fundamentais cujas bases preocupavam-se com a posição dos católicos num mundo de transições. Dois temas polarizaram os debates: a inculturação e o impacto da modernidade. A inculturação foi posta como elemento de referência aos 500 anos de domínio imposto pelos colonizadores, na europeização em nome da cristandade. A sujeição ao modelo pelos indígenas e negros importados como escravos trouxe, por meio, dos sincretismo religioso resultante do batismo e da aceitação dos sacramentos, a miscigenação e a gestação da cultura brasileira. Constrói-se daí, uma idéia de Brasil. O sofrimento e a destruição das tradições desprezadas pelos europeus foram o estigma desse encontro. O século XX, na aceleração das técnicas e das pesquisas, trouxe um sistema de idéias e comportamentos caudatários da modernidade. Mas também trouxe guerras, corrida armamentista, queda de ideologias e enunciação da globalidade.

O que restou dos propósitos discutidos? Veicularam-se programas de ação, propuseram-se novos encontros e continuidade do diálogo. Os políticos elegeram-se na paz dos compromissos. A inculturação leva-nos à participação comunitária. As festas populares e religiosas são elos sociais e momentos de reflexão. Nesta festa de São Miguel das vésperas do ano jubilar de 2000, cabe-nos propor uma análise de resultados, pois mandatos findos, novas escolhas se aproximam. O que foi feito e o que deverá ser?

Crer é ter fé. Agir é lema dos cristãos na atualidade. Queremos a cidadania.

Esta representa-se por nossos direitos de escolha e deveres de acompanhamento na comunidade. As Igrejas são um importante ponto de encontro quando os líderes, na sua autenticidade, devem ser motores da dinâmica e condutores das linhas de reflexão.



Antiga Matriz de São Miguel Arcanjo - Foto década de 40.

Quis ut Deus?

Miguel é símbolo de força e determinação. Comandante, como arcanjo, das hostes celestes, combateu Lúcifer, o príncipe da luz, que, por possuí-la, quis igualar-se a Deus, não o aceitando como insuperável, o que não se iguala, onipotente, o todo poderoso e onisciente, o que tudo sabe.

Na crônica celeste, Miguel, consciente de sua missão de intermediário entre Deus e os homens, pois assim são todos os anjos em sua hierarquias, num tempo não determinado, subjugou o antes luminoso à incerteza das trevas. É, portanto, o motivo pelo qual a representação do vitorioso é o de um ser masculino jovem, de espada em punho e de uma pequena balança, para avaliar os atos humanos.

No período colonial, a imagem dele era uma das mias invocadas. Aparece, freqüentemente, nos oratórios, capelas e nas canastras dos viajantes.

Tornou-se orago, santo protetor e padroeiro de Piquete. Guardiã de nossas colinas de pé de serra, sinalizadoras dos caminhos difíceis, onde o ouro e as riquezas circularam e desafiaram as cobiças e os jogos de poder.

Em Piquete, comemoramos o 29 de setembro com a tradição da Igreja, hoje vigorada com as participações comunitárias mais evidentes à busca da modernidade.

Impactados pelos meios de comunicação moderna, os católicos assimilaram os veículos usados como propagação de fé: o rádio, a TV, a internet. A vibração, a cor, os cânticos, a participação geral tornaram-se elos de ligação.

O fim do milênio e o anúncio do próximo

são simbolizados por palavras importantes como União, Solidariedade e Paz. As pessoas buscam mais o sagrado à medida que a vida lhes parece difícil. Os arcanjos são invocados em conjunto como símbolos desta união e da força necessárias.

Nossa comunidade piquetense, com a Igreja no limiar de um novo milênio tem, na esperança e no desejo de vida, em Miguel, um arauto de vitória.

De maneira ecumênica, ou seja, de aproximação entre os cristãos, uma nova era nos promete, a todos, caminhos nos quais os primeiros passos, como os que indicados por Cristo a Simão Pedro, representaram a fé no futuro e na consolidação de uma idéia, não como pedras de tropeço, mas de construção em terra boa e de sementes férteis. E é especialmente Mateus que nos conduz ao Terceiro Milênio e à busca da justiça, quando nos propõe amar não só amigos, mas também os inimigos, a sermos luzes em corpos luminosos, a ter a certeza da providência na multiplicação de peixes e pães e da exuberância da vinha, escolhidos entre os chamados e participantes do tesouro acumulado no coração como comprometimento comunitário.

E é sob a inspiração desse comprometimento que os cristãos de Piquete, sob as asas protetoras de Miguel Arcanjo, querem agir como cidadãos participantes e entrar no novo milênio jubilosamente. Os fogos que, com certeza espocarão, e suas luzes na noite densa, não serão efêmeros.

Acreditamos nessa conquista.

Imagem - Memória

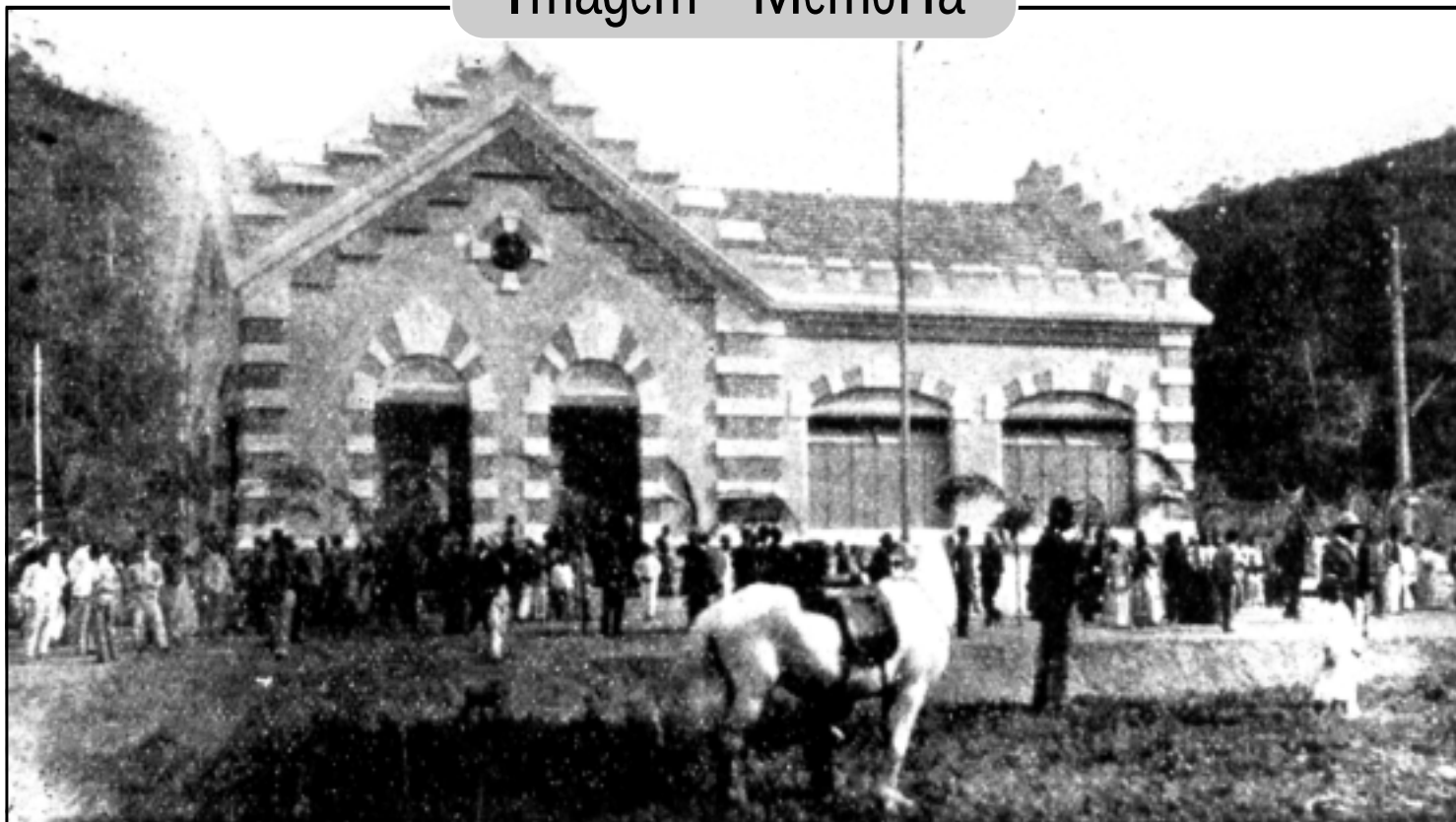


Foto arquivo Pro-Memória

Inauguração da Usina Rodrigues Alves. Foto de 15-09-1906.

Inauguração da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves

As obras militares em Piquete, no início deste século, provocaram um surto de crescimento e desenvolvimento até então desconhecido pela população.

Construíram o ramal férreo, a fábrica de pólvora e grande número de edificações de valor histórico – arquitetônico que, ainda hoje, passados nove décadas, impressionam pela imponência e beleza plástica.

Para os piquetenses, o mês de setembro é especialmente significativo, pois marca a inauguração dessas primeiras obras: o ramal férreo Lorena – Benfica, a estação ferroviária Rodrigues Alves, a represa Mal. Argollo e a usina hidrelétrica Rodrigues Alves. Essas inaugurações ocorreram num único dia, 15 de setembro de 1906, e tal foi sua importância que contaram com a presença do ministro da Guerra do governo Rodrigues Alves, Mal. Argollo, representantes do Exército, da Armada, figuras exponenciais da 1ª República, políticos da região e grande massa popular de Lorena e cidades vizinhas.

Piquete preparou-se para esse dia. Às 13h30min ocorreu a inauguração da Estação Ferroviária Rodrigues Alves. Após as solenidades, autoridades e convidados partiram para a fazenda Estrela do Norte, que estava enfeitada artisticamente com alegorias a todos os Ministérios. Ali residiam, com suas famílias, o Ten. Cel. Sisson e demais oficiais que faziam parte da comissão construtora da Fábrica.

As 15h ocorreu a inauguração da usina hidrelétrica pelo Ten. Cel. Sisson e Mal. Argollo. A usina impressionou a todos os presentes, segundo jornais da época que cobriram os eventos, por estar bem montada em edifício sólido, bem construído, espaçoso, com estrutura metálica, sem efeito aparatoso, porém elegante.

A placa comemorativa, ainda hoje, na sua parede externa tem a seguinte inscrição: “Usina Rodrigues Alves – República dos Estados Unidos do Brasil – Fábrica de Pólvora sem Fumaça – Presidente da República, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves – Ministro da Guerra, Marechal Francisco de Paula Argollo – Diretor Geral de Engenharia, General Modestino Martins – Chefe da Comissão Construtora Tenente-Coronel Augusto Maria Sisson – 1905 – 1906”.

A seguir, o Ministro e comitiva dirigiram-se para a represa quando foi descerrada a placa inaugural com o nome do Mal. Argollo.

De volta à fazenda da Estrela para breve descanso, retornaram à usina hidrelétrica às 19h, quando, sob aplausos dos assistentes, o Ten. Cel. Sisson fez mover o dínamo destinado à iluminação elétrica de todos os estabelecimentos construídos. A iluminação era farta e bem distribuída.

Este ato marcou também a chegada da eletricidade ao nosso município, a princípio, apenas para abastecer a Fábrica e suas dependências. Só mais tarde, em 1º de janeiro de 1920, na administração municipal do Maj. Carlos Ribeiro, é que a energia elétrica, cedida pela Fábrica, iluminou as poucas ruas e residências da cidade.

A usina hidrelétrica e a estação ferroviária Rodrigues Alves são, portanto, patrimônio histórico de Piquete. São herança de um passado que nos permite saber quem fomos e como fomos.

Nos últimos anos, a atual administração da Imbel, sob a presidência do Gen. Malan de Paiva Chaves, consciente de que preservar o legado das gerações passadas é fundamental para nossa cidade e para a memória da indústria brasileira, tem se empenhado na recuperação de seus edifícios.

Fica-nos este exemplo de cidadania, a ser imitado por todos.



Usina Rodrigues Alves. Foto de 06-03-1999.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. R. Ramos

Tiragem:

1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**João Vieira Soares**

No mês dedicado ao padroeiro de nossa cidade, São Miguel Arcanjo, homenageamos um cidadão piquetense que tem sua vida voltada à Igreja Católica. Ainda hoje, aos 86 anos, como ministro extraordinário da Eucaristia, assiste a todos que o procuram. Apesar de residir fora de Piquete, é figura presente em todos os eventos.

Testemunho ocular da história de nossa cidade, o Sr. João Vieira Soares participou de quase todos os acontecimentos ocorridos em Piquete a partir da década de 20.

Filho de tradicional família piquetense, nasceu na antiga Rua Dr. Américo Brasiliense, em 6-08-1913. Seus pais, José Vieira Soares e Maria das Dores (Dona Cota), tiveram doze filhos – era o terceiro dessa numerosa descendência.

Como seus irmãos, cresceu sob a égide da doutrina cristã. Religiosos, sempre estiveram ao lado da Igreja e de seus principais movimentos. Trabalho iniciado em tenra idade, na antiga matriz.

Da infância rica de aprendizado, soube armazenar em suas retinas o dia-a-dia de nossa pacata cidade.

Aos dezesseis anos começou a trabalhar na Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, onde se aposentou como mestre. Foi professor como poucos – inteligente e arguto, sabia colocar em cada mente os seus ensinamentos e lições. Ajudou a instruir e a formar várias gerações de jovens piquetenses. Participou, na juventude, como esportista, do Piquete Futebol Clube, time do bairro do Poço Fundo e, mais tarde, do Esporte Clube Estrela. Foi músico da antiga Euterpe Piquetense, da Banda de Música da Fábrica e um dos fundadores do Coral Santa Cecília, em que ainda atua, e da Congregação Mariana, é vicentino e foi vereador em Piquete.

Teve participação ativa na Revolução Constitucionalista de 1932 – operário da área de produção da Fábrica, transferiu-se, juntamente com a maquinaria e parte da



população piquetense para São Paulo quando da retirada das tropas paulistas.

Pautou sua vida em função do outro, vive sua fé e prática cristã no dia-a-dia. Homem plural, em todas as áreas em que milita faz tudo com seriedade, competência e muita responsabilidade.

Dotado de bom humor e memória privilegiada, Seu João Vieira colabora, desde a década de 30 – quando da fundação do Jornal “A Ordem”, com a imprensa local. É colaborador de “O ESTAFETA”, em que suas crônicas memorialísticas podem ser lidas.

Em 1995 brindou-nos com o livro “Minha Terra... Minha Gente... Minha Vida...”, em que faz sua profissão de fé e amor por nossa cidade. Foi casado com D. Carmem – união de que resultaram 13 filhos, 21 netos e 9 bisnetos.

Diante de tão rica e exemplar história de vida, desejamos que São Miguel continue iluminando-o com muita paz e sabedoria.

Família Vieira Soares: Venino, D. Cota com Carlos Vieira, José Vieira com Maria do Carmo e Esther. Sentado, João Vieira. Foto de 30-03-1917



Foto arquivo Pro-Memória

O Terceiro Setor

Tem aumentado o trabalho voluntário no Brasil. Aos poucos, a população se conscientiza de que, juntos, poderemos contribuir para o aperfeiçoamento de nossa sociedade e o crescimento do Brasil.

A exemplo de outros países, as comunidades se organizam. Cresce o chamado terceiro setor – conjunto de iniciativas particulares, sem fins lucrativos, com um sentido público, composto por formas tradicionais de ajuda mútua (atividades assistenciais e beneficentes), movimentos sociais e associações civis (associações de bairro, grupos feministas), filantropia empresarial (fundações ligadas a empresas privadas) e ONGS.

Recentemente, foi regulamentado, através do decreto presidencial 3.100, de 30 de junho de 1999, a lei que define as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), também conhecida como Lei do Terceiro Setor. De acordo com essa legislação, qualquer organização não governamental sem fins lucrativos pode obter a qualificação de OSCIP, desde que não seja sociedade comercial, sindicato, organização partidária ou instituição religiosa. A organização deverá também ter como objetivo social a promoção da cultura, saúde, educação, assistência social, defesa do meio ambiente, direitos humanos, democracia, entre outros.

Essas entidades, uma vez obtida a qualificação de OSCIP perante o Ministério da Justiça, estão habilitadas a celebrar Termos de Parceria com o Poder Público, para viabilizar a consecução de seus objetivos sociais.

Com o crescimento e fortalecimento do Terceiro Setor e as parcerias, o próximo século será de profundas mudanças sociais, e para melhor. É preciso que nos engajemos numa causa e que sejamos solidários.

Ação Social

Doar dinheiro, roupas, remédios, alimentos e, principalmente, trabalho; sempre se pode encontrar a melhor forma de ajudar, quando há disposição e compromisso. Um bom voluntário necessita de iniciativa, saber administrar seu tempo, trabalhar em equipe e reconhecer sua capacidade e limites para cumprir os objetivos a que se dispõe. AC

**O estrilo do grilo
Entardece na
grama.
Acabou o inverno.**

Dóli

Memorial dos Moradores de Piquete - 2

Sr. Benedito Jorge da Silva



“Loja e Armazém do Sr. Anacleto”, em 1927. Da esq.: Augusta, Flauzino, Benedito Jorge, ?, Salomão José Neto, Ricardo, Álvaro Beraldo, ?, Anacleto, Humberto Montano e Antônio Lucas.

Foto arquivo Pro-Memória

A travessia do século

O senhor Benedito Jorge, como é conhecido, e assim chamado por todos, é um dos nossos mais antigos habitantes da cidade, contando com 91 anos. Nasceu em Bananal, SP, a 23 de junho de 1908, de onde mudou-se com a família para São Paulo e posteriormente, para Piquete. Veio para cá ainda criança acompanhando o pai, que era policial. É filho de Caetano José da Silva e Maria Georgina da Silva.

Aqui, foi matriculado nas Escolas Reunidas de Piquete, que funcionavam em prédio fronteiriço à antiga Matriz de São Miguel, à margem da rua Cel. José Mariano. Depois, a escola, com denominação de Grupo Escolar de Piquete, mudou-se para o casarão antigo do Cel Luiz Relvas, na rua do mesmo nome.

A vida mostrada em fotos

Aí foi diplomado no 4º ano e exibe, orgulhoso, a foto feita no evento, em cujo verso preocupou-se em colocar a data - ano de 1921 - e os nomes do diretor, professores e colegas da formatura. Ao tomar a foto, colocada num quadro envidraçado e seguro, com mãos firmes, aponta cada um dos personagens do grupo da fotografia. O diretor, professor Luiz de Castro Pinto, apresenta-se na tez clara e postura elegante. O professor Antônio Gonçalves, com a regência das classes de 3ª e 4ª anos, um homem moreno, de aparência firme e segura, exibe-nos uma aura de mestre competente. A professora Silverinha, assim chamada e conhecida, com regência do 1º ano, mostra-se como uma senhora jovem, de formas arredondadas, vestido sóbrio, e aparência na qual misturam-se, equitativamente, a doçura e a energia.

Colocados à frente dos três professores, os cinco alunos estão olhando, solenes, para a máquina fotográfica. Duas meninas, de nomes Noêmia Machado Vieira e Mariazinha Machado Vieira que, segundo meu informante, eram filhas do Cel Machado Vieira, diretor da Fábrica de Explosivos Sem Fumaça. Mostram-nos seus rostos joviais e curiosos. Sabem estar posando em momento importante de suas vidas. O

Tenente-Coronel João Baptista Machado Vieira, pai delas, dirigiu, oficialmente, a Fábrica entre 22-4-1922 e 1-8-1923. As meninas, na foto, estão elegantemente trajadas de branco, com vestidos vaporosos, guarnecidos de bordados em tecido de fino labor, sapatos e meias brancas, sendo a mais alta, Noêmia, provavelmente de mais idade do que Mariazinha. Os três meninos: Heitor Viana, um jovem moreno de rosto fino, veste terno escuro, Sylvio Ribeiro da Silva, da família do Cel. José Mariano Ribeiro da Silva, exibe rosto largo e cabelos escuros, vestido com uma espécie de farda militar, e Benedito Jorge da Silva, o menor de todos, aparentemente mais jovem do que os outros dois, veste terno branco, apresenta postura de quem enxerga a vida bastante alongada e tem a esperança a aflorar nos olhos puros da face clara. Vê-se um belo grupo postado para a foto. Nesta, pode-se ler a seriedade e o compromisso da competência do ensino paulista da época. Era a escola da palmatória, onde o estudo e o saber eram cobrados com veemência e a atenção exigida com pertinácia redobrada do mestre. Era uma época em que aos próprios mestres era exigido um saber aprofundado e testado com rigor em concurso de cátedra. No final do curso primário concedia-se um diploma, e este, como tal, funcionava. A bela letra bem cuidada e talhada do Sr. Benedito Jorge é comprovação desses fatos. Os olhos dele brilham de emoção ao repetir, indicando com o dedo, os nomes de cada uma dessas pessoas fotografadas de corpo inteiro à porta enorme e vetusta do casarão escolar. A foto congela a memória no tempo.

Solicita, em seguida, um novo quadro com foto, cujas pessoas também têm seus nomes indicados no verso. Observa-se o registro da data no frontispício de casas de comércio incluídas nessa imagem. É uma cena de rua e mostra-me uma casa comercial situada à rua Dr. Américo Brasiliense: a loja e armazém do Sr. Anacleto Salomão. Diz-me aí ter exercido a função de caixeiro. Lembrei-me de que essa posição exigia pessoas qualificadas e de fino trato; com certeza,

atributos de meu entrevistado. A foto é datada de 1927 e tem a cor de avelã das reproduções antigas. A casa comercial é pintada de cor clara e possui várias portas, simetricamente voltadas para a calçada. Postadas às portas encontram-se, segundo ele, as seguintes pessoas: Anacleto Salomão, Salomão José Neto, Álvaro Beraldo, Humberto Montano, Antônio Lucas e outros, dos quais fornece apenas o primeiro do nome: Augusta, Flausino, e ele próprio. Algumas crianças estão dispostas ao longo das portas desejando participar do registro para a posteridade. Assim são, de fato, as representações antigas de Piquete: pessoas à frente das casas comerciais, das igrejas e do cinema: marcas da construção do espaço no que ele tem de mais importante, identificam os objetos e marcam o tempo.

O cidadão e pai de família

O Sr. Benedito Jorge cita que foi casado com Dona Maria José da Conceição. O casal teve oito filhos. Trabalhou na Fábrica de Pólvora, assim chamada por ele, pelo espaço de quase 29 anos. Sua atividade relacionou-se à fabricação de ácido sulfúrico e ácido muriático, em locais de elevada periculosidade, exigindo atenção máxima. Considerou que iniciou este trabalho em 3 de novembro de 1931 e foi até cerca de 1959. Disse que o salário era pequeno (7 mil réis por dia) e era difícil manter a família. Distraía-se jogando futebol no campinho perto do Poço Fundo, onde hoje existe o posto de gasolina. Ali comparecia com seu irmão João Antônio que chegou a jogar no segundo time do Estrela. Gostava também do jogo das cartas, do truco principalmente, e reunia os jogadores em sua residência.

Uma questão de fé

Católico convicto, freqüentava a Igreja Matriz, na qual foi congregado mariano por mais de 50 anos. Ainda mantém-se fervoroso, rezando terços em diferentes horas do dia religiosamente cumpridas. Dirige os olhos, freqüentemente, em consulta ao relógio da parede colocado à frente da poltrona preferida, de onde observa o movimento das imagens da TV, sem poder, entretanto, ouvir muito bem. Mas é perfeitamente lúcido, além de gentil e atencioso. Sente-se aparentemente feliz em fornecer dados sobre a sua vida e homenageia a cidade à qual tem dedicado praticamente toda a existência.

Mergulhado em calma, mal ouvindo os ruídos externos, guarda nos olhos claros e vivos as imagens imorredouras da memória, que, sente-se, é por ele cultivada com afeição. Reside na Raia, onde sempre morou, à Rua Aristides César, 179.

Ao notar que os ponteiros do relógio apontam para as 18 horas, anuncia que se aproxima um dos momentos especiais da oração do terço e levanta-se, gentilmente, oferecendo o braço para que eu o acompanhe até o pequeno altar, junto ao qual o deixo, reverenciada pelo exemplo da vida digna. Irredutível na fé, orações e horários, é uma das pessoas marcantes de Piquete, testemunha participante da história de nossa comunidade no século que ora finda.

Dóli de Castro Ferreira – Entrevista em Março de 1999.

A sombra do Barrancão

*“So-cor-ro, so-cor-ro,
pu-la-lá, pu-la-lá!
so-cor-ro, so-cor-ro,
vai-que-dá, vai-que-dá!
So-cor-ro, so-cor-ro,
i-re-rê, i-re-rê!
não-vou-não, não-vou-não,
vai-você, vai-você!”*

(Cantiga de dolorido silêncio gritada das beiras do Barrancão, quando da morte de Diadora)

Lá no meio do remoinho, em que, última vez, as unhas sujas apareceram, já arroxando na mão esquelética da mulher. Assim dão cores os piraquaras, que mal se poderia ver, do mais perto, a cabeça dum novilho.

O rio se foi com Diadora, gravetos deixados n’outra banda; na canoinha zonha, água abaixo – noite adentro, o dia de sol cheio.

Um irerê silabava o desespero da pobre. O resto, silêncio, o pasmo líquido da morte afogando os pescadores na beira do barranco.

(.....)

Homens arregalavam olhos à fogueira: a história ressabiava a todos. Mormente

quando contada por gente de crédito, assim perto donde se passara. Na escuridão embebida de reverência ao desconhecido, era de vetusta veracidade.

Mais de um jurou, entre goles e labaredas, ter tido a visagem medonhenta. E juramento à roda de fogueira e boa cachaça é coisa de imenso sagrado que pescador nenhum faz à toa. Contavam.

Então era o irerê piando, os peixes sumindo, repentes, um vento de breu que varria frio, frio, e o grito lanhando a alma. Atarantado, assim pego, o infeliz desacertava o juízo. Do meio do rio, a sombra alvoroçava em seu rumo, ericando braços aflitos. O desafortunado, mirando próximo o espectro magro e lodoso, desembestava em carreira pela vargem.

Isso que ninguém nunca porém soube: triste e fria, a assombração voltava ao seu leito d’água, suspirando por mão forte e salvadora. Quisera sair de lá um só pouco, subir a ribanceira, catar uns gravetos sequinhos, fazer fogo e se esquentar. Depois, até morrer, Diadora ficava satisfeita.

Mas os homens tinham medo.

O irerê só que silabava o frio da coitada...
Sérgio Maduro, em “Um rio de histórias”.

Tradição



Chegada da corrida de São Miguel. Foto de 29-09-50.

Memorizar. Ontem é história.

Setembros tradicionais:

1º a 6: O Departamento Educacional da FPV, “Alma Mater” do ensino, promovia aos alunos do Normal, Ginásio, Escola Industrial, Grupo Escolar da FPV e Grupo Escolar Antônio João a “Semana da Raça”, que se realizava no campo de futebol do Esporte Clube Estrela, com a coordenação geral dos professores Pedro Mazza, Ciro Areco e o ginasta Zé Lemes. Os eventos começavam pela manhã, com Ginástica Rítmica, tendo como fundo musical “O Cisne Branco”. A contenda e as brincadeiras atravessavam a semana, com corridas do ovo, agulha, bastão, saco e mais cabo de guerra e a famosa cama elástica humana. Como complemento, um pote de barro pendurado entre dois postes, no centro do campo: os alunos, com olhos vendados, tentavam quebrá-lo, sob o delírio da platéia. Aí... somente balas esparramadas pelo gramado. O encerramento da “Semana da Raça” ficava para o dia 6, data também da entrega das láureas aos ganhadores, troféus para as escolas e medalhas para os alunos que se sobressaíam. Com a apresentação do Pavilhão Nacional ao público, os alunos em marcha, com galhardia, passavam pelo palanque.

dia 7: Na Praça Duque de Caxias acontecia o desfile oficial alusivo à data de nossa Independência. Com as escolas pertencentes ao D.E. e mais os Grupos Escolares, pelotões de Funcionários e o Contingente 2-12, tendo no comando da tropa o capitão Bartolomeu, com garbosidade

e civismo fechava-se a Semana da Pátria.

Dia 8: Festa no Quilombo. Ônibus, caminhões lotados como verdadeiros paus-de-arara, bicicletas e pedestres deslocavam-se para a festa de Nossa Senhora da Guia.

dia 21: Plantio de mudas de árvores pelos estudantes.

Dia 22: Primavera. Flores e poesias.

Dia 29: Festa de São Miguel. Excelso Padroeiro de Piquete. Às 10h, missa cantada na Matriz. Às 14h, corrida de bicicleta.

Com a largada na Praça, da Bandeira, a 1ª corrida aconteceu em 29-09-50, denominada “Equipe São Miguel”. Alguns dos competidores: Edu, Zito, João Capote, Lambo, Guinho, Juca Luz e outros, tendo o seguinte trajeto: Praça da Bandeira, Rua Com. Custódio, Estação da Estrela, Praça Duque de Caxias (defronte ao Elefante Branco), Rua Mestre Targino Cunha, Cel. Almir e novamente Praça da Bandeira. Com 22 voltas e muita água, o ganhador foi Zito, que recebeu das mãos do Sr. Waldemar de Oliveira, na ocasião tesoureiro da festa, uma bicicleta como prêmio. Às 19h, início da quermesse. Barraca dos Festeiros, com leilão de prendas e sorteios diversos. Barraca do coelhinho e serviço de alto falante: alguém oferece a fulana de tal, como prova de muito amor, a música “Boneca Cobiçada”.

Assim eram os nossos setembros. Terminavam sempre com muita luz, debaixo de imenso show pirotécnico.

Sem ufanismo. Sou filho legítimo da terra e presenciei tudo isto. **Edival da Silva Castro**

Meu tipo inesquecível

Era uma vez uma menina que pensava que era feia. Tinha os cabelos crespos, grossos e secos. Podia dar o maior pé-de-vento, que eles não saíam do lugar. E ela queria que eles fossem lisos e sedosos, esvoaçantes ao vento. Usava uns óculos fundo-de-garrafa e a meninada a chamava de “4 olho”. Ela não queria ter aquele pára-brisa na cara! Não! Queria enxergar tudo: reconhecer as pessoas de longe, enxergar as bolas, as frutas nas árvores, o passarinho lá na ponta! E o seu nariz? Ela o achava vermelho e gordo demais. E ela queria que fosse nariz-de-apaga-vela, como dizia sua mãe para o lindo nariz do seu irmão. A voz era rouca, desafinada, diferente das outras meninas. Oh! Ela queria tanto ter a voz de uma gatinha: macia, e dengosa. E poder cantar cantigas de ninar para as suas bonecas. Mas, mesmo assim, a menina estudava, brincava (de esconder, de bėti, de pula corda, de pegar, de casinha, de caverninha, de correr no pasto com os irmãos, outras crianças e o cachorro viralata da casa, de trepar nas árvores, de nadar e de brincadeiras na hora da missa e da procissão). A menina aprendeu a tocar piano e até a dançar ballet.

Agora, do que a menininha mais gostava era da visita de uma tia contadora de histórias. A tia era a fantasia da menina, o seu mundo de faz-de-conta. Quando a tia chegava em casa, ela pulava no seu colo e pedia logo: – Conta história, tia. E lá vinha um mundão delas: de fadas, de rainha má, de príncipes encantados, de princesas famosas e sonhadoras, de dragões, de castelos misteriosos, de gente virando sapo... e que terminavam sempre assim: “e eles se casaram e foram felizes para sempre. Eu fui convidada para o casamento e vinha trazendo um prato de docinhos para vocês, mas estava chovendo quando passava pela ponte, escorreguei e os docinhos caíram no ribeirão.”

A menina cresceu, foi embora da cidade e já está envelhecendo. Hoje, se você lhe perguntar qual a pessoa mais inteligente e querida na sua infância, ela responderá com certeza: – Foi a tia Crê! (Cremilda, para quem não sabe o seu nome todo).

Cremilda Pascoal de Castro trabalhou no Grupo da Fábrica e no Darwin Félix, ao longo de trinta anos de serviços prestados com disciplina, zelo e grande amor pelas coisas da escola, professores e alunos, que a chamavam carinhosamente de “vó”. Foi uma servente de capacidade invulgar e dedicação extremada.

Amélia Pascoal Campelo

**Prestigie
a Festa de
São Miguel
Arcanjo
De 20 a 29 de
Setembro**

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

São Miguel

(Para o meu amigo João Vieira Soares)

Havia o São Miguel grande e o São Miguel pequeno.

O grande ficava o ano todo trancafiado no quarto dos santos, em meio a andores, estandartes, alfares e caixa de flores, de onde saía apenas para a procissão de 29 de setembro. Dava gosto admirá-lo. Solene percorria as ruas da cidadezinha, nos ombros dos soldados do Contingente da Fábrica Presidente Vargas, impecáveis nas fardas e nas atitudes.

São Benedito à testa do cortejo, para não chover. Anjinhos e mais anjinhos – afinal era festa de anjo – humildes, asas de filó, túnicas de lamê. Devotos descalços: cumprimento de promessas. Dobrados da banda, alegres, marciais. Tapetes de folhas verdes. Linho e renda nas janelas.

Ele seguia como um príncipe guerreiro, combativo e defensor, o sol morrente, para abençoar o povo. Se ele travava uma luta no céu contra Lúcifer, que livrasse a cidade dos espíritos malignos e das explosões na Fábrica, pediam suplicantes os olhares dos piquetenses.

O São Miguel pequeno, ou São Miguelzinho, ficava no altar-mor, sua morada permanente, num nicho acima do sacrário. Parecia um menino. De madeira, estilo barroco, as vestes coloridas, leve como uma palha, na mão direita a balança da Justiça para pesar as boas e as más obras dos cristãos. Quase desaparecia no meio das flores.

Diziam que viera de Portugal, esculpido por mãos sensíveis. Sua história perde-se no tempo. Com a reforma da velha matriz, ele desapareceu. Não se sabe onde e com quem está. Alguns, em tom de brincadeira, diziam: - Bateu asas e voou.

Havia um terceiro São Miguel. Pintado em tela, no forro da nave. Esvoaçante, imperioso, o semblante viril, os gestos decididos. “Quis ut Deus?” Os demônios cor de fuligem subjugados por sua espada, precipitados no fogo do inferno. Polarizava os olhares das crianças, num misto de

respeito, curiosidade e medo.

No dia 29 de setembro, a igreja ficava alegre, enfeitada com flores de papel crepom e festões de cedrinho, que a deixavam perfumada. Minha mãe, festeira, década de quarenta, as flores confeccionadas na zona rural, pelas irmãs Maria e Ana Rodrigues de Souza, moças solteiras e prendadas. Lá no silêncio do Itabaquara, dos seus dedos brotaram milhares de flores cor-de-rosa. E as pessoas comentavam, com emoção: - A igreja parece um jardim, parece um doce!

Dinheiro para a festa conseguido com muito esforço. Uma folha de papel almaço e lá ia o casal de festeiros a bater de porta em porta. Recusa de alguns: ar sisudo, palavras descorteses. Mas como era tudo para a glória de Deus e do Arcanjo padroeiro, valia o sacrifício.

O dia começava festivo. Alvorada às cinco horas da manhã, os músicos num caminhão. Depois as missas, o leilão de garrotes e a quermessinha na Praça João Pessoa, atual Leonor Guimarães. A música do coreto. Arcos de bambu. Bandeirinhas coloridas.

Muita gente da roça: vestidinhos de chita, ternos de brim, botinas reluzentes. Vinham a pé, a cavalo, de charrete, acolhida em casa de parentes e amigos. E nunca chegavam de mãos vazias: um franguinho para o almoço, um queijinho para o café da tarde.

Um alvoroço de sinos e foguetes de vara: em revoada as andorinhas do campanário.

Solene a missa das dez horas: a brancura perfumada do incenso, as sonoridades do Latim. Ao Evangelho, reflexões teológicas sobre os anjos. Se aquela gente roceira nada entendia, valia a simplicidade da fé, a crença no mistério, os olhos cravados como setas na pequena imagem do altar e a prece até hoje cantada por todos:

*São Miguel Arcanjo, do céu sois farol,
Espada de fogo, de um raio de sol!
Padroeiro glorioso de nossa cidade,
Fazei-a repleta de paz e bondade!*

Crônicas Pitorescas

A Noite

Palmyro Masiero

Sem sombra de dúvida, sou um animal notívago. Uma noite de lua cheia me atrai mais que a qualquer lobisomem ou vampiro. Minha atração, entretanto, não possui qualquer intenção melíflua. Salvo para alguns mais dorminhocos.

Tirando meu pai, que com seu saxofone preenchia as noites piquetenses de sons maviosos, muitos e muitos outros também o fizeram. Uma rosa é uma rosa, uma rosa, uma rosa... uma serenata é uma serenata, uma serenata, uma serenata... Só que uma rosa é sempre uma rosa e uma serenata nem sempre é uma serenata. Às vezes, por excesso de inspiração, transformava a noite numa inferneira. Ela virava o pagode do álcool entornado.

Mas os amantes verdadeiros da arte de acordar, quem dorme com plumas saíam às noites frias espalhando apenas sons inebriantes e melodiosos, que se harmonizavam com os sons noturnos dentro da moldura prateada da cidade. Os que dormiam devagarinho saíam do mundo dos sonhos e entravam em transe aos sons que enlevavam.

Sem saudosismo algum, sinto saudade dos nossos seresteiros. Gostaria imensamente de prestar-lhes uma homenagem. O grave problema do esquecimento poderá fazer que venha praticar alguma injustiça em deixar alguém de fora. Participei de muitas serenatas e, provavelmente, perturbei o sono de muita gente. Sem essa intenção, é claro. Também, poxa, se minha voz era desagradável, se já estivessem acordados, que aproveitassem para outra coisa. Tirar vantagens das desventuras.

Uma vez, lembro-me, acordei com uma voz ao longe, aveludada, entoando “Malandrinha”... Era o Dalton Faria. A letra, a sensibilidade da interpretação, o acompanhamento, tudo parecia vir de outra dimensão. Entre acordado e dormindo, a melodia ecoava em mim como uma carícia. Voltei ao sono pesado e tive sonhos maravilhosos.

Mas a maior recordação que tenho aconteceu pelos meados da década de 50. Vinha eu de São Paulo e cheguei muito tarde a Lorena. Condução para Piquete só ao amanhecer. Resolvi ir até o bairro da Gabelinha ver se descolava uma carona qualquer que se deslocasse para nossa cidade ou pra o sul de Minas. Consegui, na boléia de uma caminhão que ia para Itajubá e que me deixou na entrada de Piquete. Fui subindo, mais de duas horas, rumo à minha casa. Ao passar pelo pátio, ouvi uma voz amargurada cantando “ela abalou ôôô, meu sistema nervoso”. Sozinho, canhoto, mas com os bordões em baixo e as primas em cima, estava o “Toninho Arrepiado” tangendo as cordas, sentado entre um dos arcos do Cine Estrela. Um boêmio verdadeiro. Comovente.

Gosto tanto das noites que até hoje não durmo antes das três... e sem serenata. Tanto que, quando chegar ao fim dos meus dias, espero que me sobrem pelo menos as noites.



A FCR saúda a comunidade católica piquetense, na data de seu excelso padroeiro - São Miguel Arcanjo - a ser comemorada no dia 29 de setembro.

Exposições promovidas pela F.C.R.



Foto Alzira Beckmann

A Profa. Dóli de Castro Ferreira discursa na abertura da exposição.

“O Negro no Brasil sob o ponto de vista cultural, político e social”

Mil e duzentas pessoas visitaram a exposição “O Negro no Brasil sob o ponto de vista cultural, político e social”, que aconteceu de 10 a 17 de setembro, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”.

A exposição narra a saga dos negros trazidos da África como escravos e enfoca o importante papel desempenhado pelos seus descendentes nas diferentes áreas de nossa sociedade.

Promovida pela Secretaria de Estado da Cultura / Divisão de Bibliotecas, a mostra veio para Piquete devido ao apoio da Delegada Regional de Cultura do Cone Leste Paulista, Sra. Eliane Machado, da Sra. Élvia Jordão, Diretora da Divisão de Biblioteca da Secretaria da Cultura e ao Prefeito de Silveiras, Sr. José Hélio, que nos cedeu, por duas semanas, a exposição.

O material foi enriquecido com fotos, reproduzidas pela FCR, do século passado

até nossos dias. Através delas, os visitantes puderam, didaticamente, apreciar e reconhecer figuras representativas de nossa comunidade e conferir a importante contribuição do negro para a nossa cultura.

A abertura da exposição contou com representantes de nossa sociedade, que ouviram a Profa. Dóli de Castro Ferreira discursar sobre a contribuição do negro na formação do povo brasileiro e para a sociedade de Piquete. A Psicóloga Rosiléa Aparecida Aquino falou sobre capoeira e o Mestre “Bocão” mostrou-nos os diferentes “toques” possíveis com um berimbau.

A população escolar visitou a exposição e a Profa. Miriam Schmoeller do Prado Rodrigues promoveu, durante a semana, um debate com alunos do Ensino Médio sobre o negro e a cidadania.

Visitantes na abertura da exposição.



Foto Alzira Beckmann



Foto Alzira Beckmann

O mestre “Bocão” dá explicações sobre os “toques” do berimbau.



Foto Alzira Beckmann

Detalhe da exposição “Trapeirismo e Tradição”

“Trapeirismo e Tradição”

Aconteceu no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, de 21 a 28 de agosto, a exposição “Trapeirismo e Tradição”, quando um vasto material fotográfico e artesanal, de uso cotidiano dos tropeiros pôde ser admirado.

De forma didática, as peças foram identificadas e ilustradas com desenhos do artista plástico Tom Maia, de Guaratinguetá, e textos da Professora Dóli de Castro Ferreira. Buscou-se, com essa mostra, tornar conhecido o universo desses homens que ajudaram a construir nossa história.

Ainda hoje, através das encostas mantiqueiras e por nossas estradas rurais cruzamos com tropeiros e seus animais na batalha do dia-a-dia, transportando lenha ou jacás carregados com a sua produção rural.

O sucesso da exposição pode ser aferido pela presença de significativa parcela de nossa sociedade e pelo convite feito pela Secretaria da Cultura do Estado, para que a exposição fosse para São Paulo, integrar o evento “Revelando São Paulo”, no mês de setembro.

Apresentação do Sr. Toninho Pirai, na exposição “Trapeirismo e Tradição”



Foto Alzira Beckmann

REDESCUBRA SUA CIDADE



Término da rua São Miguel: a direita rua Cel. José Mariano e a esquerda Cel. Luiz Relvas

Foto Alzira Beckmann

Rua São Miguel

Das quatro primeiras ruas, nomeadas em Piquete por indicação do vereador Antônio Tristão, em 1892, uma delas homenageava o nosso padroeiro. Assim dizia o documento: “A rua que desce da igreja a casa do cidadão Theodoro Freire, será denominada - Rua de São Miguel”. Desta rua, atualmente, restam apenas alguns vestígios. Iniciava-se ao lado direito da velha matriz, descia serpeando o sopé do morro do cemitério e, mais abaixo, ladeava a margem esquerda do riacho ali existente à montante, atravessando-o à altura da casa do dito Sr. Theodoro Freire, término da rua Américo Brasiliense. Coincidentemente, local onde hoje começa a atual Rua de São Miguel que se alonga até a confluência das ruas Cel. José Mariano e Cel. Luiz Relvas.

Existem algumas versões fantasiosas a

respeito da original designação do arcanjo Miguel como padroeiro de Piquete. A única merecedora de crédito, já que nada existe oficial a respeito, foi a oferecida por Dona Lili Couto em entrevista, há cerca de 40 anos, sendo ela descendente dos primeiros moradores do local. Contou que ouviu de seus ancestrais que, quando da solicitação para se erigir uma capela no bairro, cada um dos membros da comissão era devoto de um ou outro santo(a). Para sanar o problema, democraticamente processaram a um sorteio entre os participantes. O vencedor foi o Comendador Custódio Vieira, venerador de São Miguel. E foi ele quem ofereceu a primeira imagem do anjo – esculpido em madeira ao estilo barroco –, quando da inauguração da igreja.

Notas da Cidade

□ A Fundação Christiano Rosa, atendendo o convite da Secretaria de Estado da Cultura, participou do evento “Revelando São Paulo”, que aconteceu de 11 a 19-09, no Parque da Água Branca, na capital do Estado. O projeto expôs a produção da cultura tradicional do interior paulista, mostrando a sua diversidade.

A FCR levou a São Paulo a exposição “Tropéirismo e Tradição”, de Piquete, dois carros de bois e uma tropa completa, sob o comando do Sr. Ademir Laureano de Souza, Júlio César de Souza e Sinésio Ferreira.

O projeto afina com os objetivos da FCR e foi uma oportunidade para divulgar o que Piquete tem de tradicional, chamando a atenção de outras cidades para a nossa cultura e potencialidades turísticas.

□ A Casa da Agricultura de Piquete promoveu a palestra “Agricultura Sustentável e Meio Ambiente”, dia 21-09, na Câmara Municipal, em comemoração ao Dia da Árvore.

O palestrante foi o Engenheiro Florestal Roberto Starzynski, responsável pelo Núcleo Cunha do Parque Estadual da Serra do Mar.

A FCR parabeniza a organização.

□ O Oratório São Domingos Sávio recebeu gratuitamente equipamentos e PLCs Siemens, da Basf, com os quais promoverá, com auxílio de colaboradores, cursos profissionalizantes e de atualização para jovens de Piquete na área de automação industrial. Esta iniciativa do Oratório é louvável, digna de aplausos e de ser imitada.

A comunidade piquetense agradece à Basf pela concretização de tal iniciativa, através de seu diretor Odilon Ern; Ulli Meyr, Gerente do Setor Agro; Wilson Leite Barbosa, responsável pela Manutenção e Fernando Rivero Galina, Supervisor de Automação.

□ O Conselho Comunitário de Segurança de Piquete (CONSEG), realizou em 21-08-99, no Centro dos Aposentados, o 1º Mutirão da cidadania de nossa cidade.

Durante o mutirão 280 mediram a pressão arterial e fizeram teste de diabetes; 157 formulários de CIC e 20 de RG foram preenchidos e 38 receberam massagem.

O mutirão teve o apoio do Centro dos Aposentados, da Caixa Econômica Federal, do Bar Santa Cecília, do Eid Som, do Supermercado Peg Pag Regina.

Turismo e Lazer

O mundo experimenta transformações rápidas nos meios de produção e prestação de serviços e, a informática e a robótica invadem o cotidiano da sociedade. Com isso, o mercado de trabalho no mundo todo passa por alguma retração, obrigando os governantes de muitos países a encontrar alternativas para o grave problema do desemprego.

A velocidade impressa às transformações supera em muito o ritmo da recolocação e adaptação da mão de obra que, nessa fase de mudanças, se apresenta de forma abundante. O mercado de trabalho, por sua vez, tem o privilégio de escolher os melhores profissionais e, até mesmo, forçar uma redução dos salários a serem pagos. Ao lado da grande disponibilidade de mão de obra e a visão de que os trabalhadores, em futuro próximo, terão suas jornadas de trabalho encurtadas, vislumbra-se a oportunidade de ocupar o tempo disponível e ocioso em atividades de turismo e lazer. Assim, muitos países estão apresentando fortes movimentos no sentido de atrair empresários para investimentos nessas áreas, com vistas à geração de renda e empregos.

O nosso país, com uma beleza natural incrível face ao tamanho de seu território e grandeza de contrastes ao lado de uma colossal costa marítima, pouco fez até o momento no sentido de fazer do turismo e lazer uma importante contribuição à economia. Nos dias atuais, contamos nos dedos os mais importantes centros de turismo e lazer, muitos deles implementados em meados deste século. Boa parte das belezas naturais desse gigantesco país permanece um tanto quanto adormecida, no aguardo do despertar da necessária infra-estrutura em água e esgotos tratados, telefonia, assistência médica, estradas e rede de bons hotéis e pousadas. Estamos pagando o preço da falta de visão de políticas públicas sérias voltadas para o turismo e lazer e aproveitamento equilibrado dos recursos naturais. Agora, nesse momento de aperto e dificuldades, o turismo e o lazer encabeçam a lista de prioridades de dezenas de cidades para a retomada do desenvolvimento e alívio das tensões sociais.

Inserida nesse contexto está nossa Piquete que, ficando fora dos benefícios irradiados pela antiga FPV, até agora não encontrou seu novo norte e está apostando algumas fichas no turismo e lazer. Entretanto, como uma forte muralha que segura as águas de uma represa, nos deparamos com ausência quase total de infra-estrutura básica, tão necessária aos primeiros passos de uma grande caminhada em direção ao turismo e lazer. Isso, porém, deve servir de modelo encorajador, notadamente para o poder público municipal, instituição responsável pela infra-estrutura compatível à atividade turística e aos anseios da sociedade. Para tanto, a união dos esforços de todos os segmentos da sociedade e do poder público municipal deve ser a variável determinante para que Piquete possa ter, em curto prazo, uma importante atividade turística para trazer benefícios à sociedade que há anos persegue e luta por esse objetivo.

Celso Colombo